

ESTAÇÕES DE APRENDIZAGEM EM SALAS DE ALFABETIZAÇÃO: CONSIDERAÇÕES SOBRE O USO DE APLICATIVOS

LEARNING STATIONS IN LITERACY ROOMS: CONSIDERATIONS ABOUT THE USE OF APPLICATIONS

Ms. Denise Teberga Mendanã - Universidade Estácio de Sá
Prof. Dra. Edna Maria Querido de Oliveira Chamon - Universidade Estácio de Sá

Grupo Temático 1. Ensino e aprendizagem por meio de/para o uso de TDIC

Subgrupo 1.1. Aprender por meio das diferentes tecnologias – da educação básica à pós-graduação

Resumo:

Este trabalho tem por objetivo discutir a inovação pedagógica nos projetos de estação de aprendizagem em classes de alfabetização. A pesquisa classifica-se por qualitativa, por sua abordagem e pesquisa-ação do ponto de vista dos procedimentos técnicos. Primeiramente será apresentada uma discussão acerca do conceito de inovação pedagógica e sobretudo, do uso de tecnologias em sala de aula. Em seguida, será abordado o projeto de intervenção realizado em classes de alfabetização o qual consiste no trabalho com estações de aprendizagem utilizando os aplicativos como ferramentas. Os procedimentos metodológicos adotados para a coleta de dados foram observação participante e desenhos. As aulas foram observadas durante a realização das estações de aprendizagem, sobretudo, as interações entre os agrupamentos, a execução das tarefas pelos alunos durante a realização das atividades, a relação ensino aprendizagem, sobretudo no tocante à autonomia dos estudantes. Os resultados, ainda em fase de análise, apontam para uma interação intergrupar favorável dentro das estações, independente do uso da tecnologia. Dessa forma, percebeu-se que o uso dos aplicativos favoreceu a motivação do grupo em que a ferramenta tecnológica potencializou a aprendizagem.

Palavras-chave: Inovação pedagógica, aplicativos, estações de aprendizagem.

Abstract:

This work aims to discuss pedagogical innovation in learning station projects in literacy classes. The research is classified as qualitative, for its approach and action research from the point of view of technical procedures. First, a discussion about the concept of pedagogical innovation and, above all, the use of technologies in the classroom will be presented. Then, the intervention project carried out in literacy classes will be addressed, which consists of working with learning stations using applications as tools. The methodological procedures adopted for data collection were participant observation and drawings. The classes were observed during the learning seasons, especially the interactions between the groups, the execution of tasks by the students during the activities, the relationship between teaching and learning, especially with regard to the students' autonomy. The results, still under analysis, point to a favorable intergroup interaction within the stations, regardless of the use of technology. Thus, it was noticed that the use of applications favored the motivation of the group in which the technological tool enhanced learning.

Keywords: Pedagogical innovation, apps, learning stations.



1. Introdução

Pensar a educação na sociedade contemporânea é pensar nos novos comportamentos e hábitos das pessoas. Nesse cenário, a tecnologia surge desempenhando um papel vital no desenvolvimento econômico e social. A educação está inserida nessa sociedade em que as empresas buscam inovar e conquistar novos mercados. Em termos de desenvolvimento humano é necessário inserir os cidadãos nesse cenário e prepará-los para as mudanças cotidianas.

Assim, a escola precisa entender seu papel na sociedade atual. Araújo (2019) debate sobre a questão dos desafios da educação em incluir todos os alunos, muitos deles pertencentes às classes menos favorecidas cultural e socialmente. Ele considera que nos processos educativos as buscas por novas configurações educativas não podem ser dicotômicas, mas o tradicional e o inovador devem estar ligados, pois “O novo não se assenta sobre o vazio e, sim, sobre as experiências milenares da humanidade” (ARAÚJO et al, 2019, p. 41, grifos do autor).

O papel do aluno, na sociedade da informação e do conhecimento, é mais ativo e o professor também tem um novo papel nessa sociedade, de mediador do conhecimento e dentro dessa perspectiva “as metodologias ativas de aprendizagem são o cerne dessa perspectiva, e isso demanda repensar a formação profissional dos professores nos cursos de graduação e de extensão” (ARAÚJO et al, 2019, p. 42).

Nesse sentido, o presente estudo visa discutir a inovação pedagógica nos projetos de aprendizagem por estações, procurando entender como acontece a relação ensino-aprendizagem. Primeiramente será feita uma breve discussão acerca do tema inovação pedagógica e sobre os projetos de intervenção baseado em estações de aprendizagem com o uso de aplicativos.

2. Discussão acerca da inovação pedagógica

O tema inovação pedagógica é amplamente discutido na atualidade, contudo, com significados diversos, o que podemos observar em Tavares (2019) o qual conclui em sua pesquisa “que o conceito de inovação em educação detém uma ampla rede de significados que estão vinculados às diferentes concepções epistemológicas e ideológicas acerca do processo educativo”. Ele considera que a tendência dos artigos é de apontar a inovação como um fim em si mesmo ou como algo assertivo a fim de resolver os problemas educacionais e, além disso, as pesquisas tem seguido a tendência de discutir experiências consideradas inovadoras, sem a preocupação de assimilar o conceito em sua complexidade. (TAVARES, 2019).

Nesse sentido se faz necessário esclarecer a concepção de inovação pedagógica que se adota nesse texto, sendo aquela que transcende a ideia de práticas pedagógicas tradicionais e reflete sobre o posicionamento crítico como apresenta Fino (2008, p. 277) “A inovação pedagógica implica mudanças qualitativas nas práticas pedagógicas e essas mudanças envolvem sempre um posicionamento crítico, explícito ou implícito, face às práticas pedagógicas tradicionais”.

De acordo com Fino (2008) a inovação pedagógica está correlacionada às práticas educativas, pois é nesse domínio que ela deve acontecer e nesse sentido, as reformas educativas podem colaborar com as mudanças qualitativas na prática, mas não se configuram a inovação por si mesma.

Moreira (1999) destaca que é necessário reconhecer que não é possível controlar a implementação de uma inovação e para isso é preciso entender que nem sempre os pontos de chegada serão os mesmos. Completa ainda que “Isto não significa ausência de direções claras, objetivos claros e definidos, de planos, de análise racional, coordenação, organização”. (MOREIRA,



1999, p. 138). Isso pode significar que embora haja diversos caminhos, as direções devem ser amplas que possibilite a flexibilidade.

Diante do exposto, é importante destacar que a inovação de que se trata esse texto, se refere às práticas educativas as quais constituem experiências que envolvem mudanças qualitativas na educação.

2.1. Considerações sobre tecnologia

Levy (1999) considera que a tecnologia é a cristalização da atividade humana, observando os impactos tanto positivos quanto negativos fazendo parte do processo de apropriação, da qualidade das relações humanas, afirmando “[...] quando os “impactos” são tidos como positivos, evidentemente a técnica não é a responsável pelo sucesso, mas sim aqueles que conceberam, executaram e usaram determinados instrumentos” (LEVY, 1999, p.28)

Fernandez (2019) ao discutir a inovação pedagógica, aponta que existem propostas desde o começo do século XX em contraposição a pedagogia direta de instrução. Apresenta 14 inovações pedagógica divididas em quatro tendências clássicas, ou seja, não são novidades. Assim, a tecnologia digital, não constitui uma inovação pedagógica, mas sim, um avanço nos instrumentais tecnológicos que não chegam a constituir, segundo este autor, um avanço pedagógico. É uma atualização diante das novas tecnologias.

Nesse sentido, o texto busca refletir a prática educativa, as relações intergrupais, a motivação para execução das atividades e sobretudo, o uso da tecnologia para auxiliar os processos de aprendizagem, não como o principal motivo de aprendizagem, mas como um recurso de auxílio no trabalho do professor.

3. O projeto de intervenção: procedimentos metodológicos

Do ponto de vista ético, os responsáveis pelos alunos foram esclarecidos quanto aos objetivos do trabalho e autorizaram a pesquisa preenchendo o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido.

Motivada pela abordagem da Inovação Pedagógica contemplada em um dos módulos do curso de Mídias na Educação, oferecido pela Universidade Federal de São Carlos, optou-se para este trabalho realizar uma pesquisa ação, na qual a pesquisadora e os participantes “estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo” (GIL, 1994, p. 48). Esta pesquisa, de abordagem qualitativa, é considerada exploratória sob o ponto de vista dos objetivos, pois de acordo com Gil (1994, p. 44) “[...] tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, com vistas na formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”.

Para coleta de dados qualitativa, foi desenvolvido um projeto em uma escola da rede pública de ensino em uma cidade do interior paulista, pertencente à região do vale do Paraíba.

As aulas foram ministradas e observadas pela pesquisadora, que fotografou e anotou as interações grupais, as relações dos alunos com as atividades e com a aprendizagem. Será necessário retomar as observações e atividades para conclusão dos resultados de aprendizagem. Na sequência das análises serão coletados desenhos dos alunos com suas impressões das aulas.

Os desenhos e fotografias serão analisados na perspectiva da sociologia visual em que a imagem é pensada como um texto, capaz de produzir significado contextual e subjetivo sobre o objeto (LA ROCCA, 2007).



3.1. O projeto “estações de aprendizagem”

O projeto Estações de aprendizagem é realizado em classes de alfabetização, ou seja, primeiro ano do Ensino Fundamental. Durante as aulas os alunos são divididos em agrupamentos produtivos (níveis de escrita próximos) e com cerca de quatro alunos em cada. Cada grupo trabalha em uma atividade diferente. As atividades podem ser de leitura e escrita, de Matemática, de Ciências da Natureza ou História e Geografia, o que é chamado estação de aprendizagem. Elas podem ser lúdicas, com recurso de tecnologias digitais ou escritas. Os alunos tem um tempo para realizar as atividades em cada estação e depois circulam, ou seja, vão para a próxima estação com atividade diferente.

As atividades são explicadas antes de iniciarem as rotações. Em seguida cada grupo inicia os trabalhos com seus parceiros. Dessa forma é possível fazer atividades adaptadas para cada grupo e o professor pode dedicar-se mais a uma determinada tarefa.

Assim os alunos ganham certa autonomia para realizar os exercícios nas estações que estão trabalhando sem apoio de um adulto (professor ou auxiliar). O uso de aplicativos faz parte de estações de trabalhos. São aplicativos adequados para o nível de ensino dos alunos e são trabalhados com tablets ou projetores que simulam lousas digitais.

3. Discussão dos resultados

Até o momento foi possível tecer algumas observações sobre o uso de tecnologias digitais em salas de alfabetização. É necessário citar que o uso das tecnologias não foi por si só a prática de ensino, mas foi aliado às práticas que já estavam ocorrendo, ou seja, o modelo de trabalho em estações de aprendizagem, que já acontecia sem o uso de tecnologia, foi contemplado com esse recurso. Pode-se ressaltar, no entanto, que a tecnologia intensificou o trabalho do professor, mas não foi protagonista da prática educativa. Pode-se constatar que a tecnologia e sua produção não dão conta dos movimentos educativos como lemos em Barreto (2019), mas impulsionam a execução das atividades. Seja pelo uso da tecnologia, seja pelo fato de trabalharem em interação e obter autonomia nas escolhas das estações de trabalho.

A partir de uma abordagem psicossocial apoiada em Duveen (2002), as relações intergrupais proporcionaram a construção do conhecimento cooperativa na qual essa construção ocorre “em relações autônomas, entre parceiros iguais, onde cada um tem a oportunidade de abraçar um argumento e debater” (DUVEEN, 2002, p. 99). Dessa forma, as relações entre os pares e a construção do conhecimento foram favorecidas no modelo de atividade. Os alunos realizaram muitas trocas e discussões para a realização das tarefas. Os alunos viam-se motivados/interessados a realizar os trabalhos e poder participar das estações com propostas lúdicas, principalmente aquelas nas quais incluíam-se o uso de aplicativos. Assim, fazer uso de aplicativos podem impulsionar e facilitar a aprendizagem.

4. Referências

ARAÚJO, U. F.; et al. A formação de professores para inovar a educação brasileira. In: CAMPOS, F. R.; BLIKSTEIN, P. (org.) **Inovações radicais na educação brasileira**. Porto Alegre: Penso, 2019.

BARRETO, R. G. Tecnologias na educação brasileira: de contexto em contexto. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**. v. 16, n. 43, p. 218-234, 2019. Disponível em: <http://periodicos.estacio.br/index.php/reeduc/article/viewArticle/6002>. Acesso em 19 maio 2020.

DUVEEN, G. A construção da alteridade. In: A alteridade como produto e processo psicossocial. In: ARRUDA, A. (Org.). Representando a alteridade. 2ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 83-107.

FERNÁNDEZ, M. M. Métodos pedagógicos emergentes para un nuevo siglo ¿Qué hay realmente de innovación?. Teoría de la Educación. **Revista Interuniversitaria**, Salamanca, v. 31, n. 1 (en-jun), p. 5-34, abr. 2019. ISSN 2386-5660. Disponível em: <https://revistas.usal.es/index.php/1130-3743/article/view/teri.19758/20104>. Acesso em: 18 maio 2020.

FINO, C. N. Inovação Pedagógica: significado e campo (de investigação). In: Mendonça, Aline; BENTO, Antônio (org). **Educação em tempo de mudança**. Funchal, 2008. P.277-287.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas da pesquisa social. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1994.

La Rocca, F. (2007). Introduction à la sociologie visuelle. Sociétés, 95, 33-40.

Levy, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MOREIRA, Adelson Fernandes. Basta implementar inovações nos sistemas educativos? **Educação e Pesquisa**. v. 25, n. 1, p. 131-145, 1 jun. 1999. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ep/article/view/27809>. Acesso em 24 abr 2020.

TAVARES, Fernando Gomes de Oliveira. O conceito de inovação em educação: uma revisão necessária. **Educação (UFSM)**, Santa Maria, p. e4/ 1-19, fev. 2019. ISSN 1984-6444. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/32311>. Acesso em: 21 abr. 2020. doi:<http://dx.doi.org/10.5902/1984644432311>.